**NARRATIVA ENCORAJADORA E A PRODUÇÃO DE SIGNIFICAÇÕES SOBRE A QUEIXA ESCOLAR POR CRIANÇAS**

Ruzia Chaouchar dos Santos

Daniela Barros da Silva Freire Andrade

Trabalho financiado pela CAPES

 **EIXO TEMÁTICO:** 1 Pesquisas

**Resumo:**

Este trabalho buscou investigar a potencialidade da *narrativa encorajadora* as pesquisas *com* crianças.  Para tal, se sustentou nas aproximações entre a teoria histórico-cultural e os fundamentos teóricos sobre narrativas. Adotou-se o procedimento de observação participante e entrevistas semiestruturadas delineadas pelo emprego de um roteiro lúdico. Os resultados indicam que a narrativa encorajadora favoreceu as crianças expressarem elementos de suas vivências escolares, que em situações comuns de encontros intergeracionais dificilmente seriam narrados, em vista de seu caráter contra normativo.

**Palavras-chave:** Crianças; Queixa escolar; Narrativa, Teoria histórico-cultural.

**INTRODUÇÃO**

As práticas recorrentes de encaminhamentos de alunos(as) identificados(as) como dificuldades no processo de escolarização para os serviços especializados de saúde, oferecem indicativos de que as questões emergidas e amparadas na complexa trama educacional, estão sendo apreendidas sob a ótica da individualização dos fenômenos sociais ancorados na naturalização dos determinantes históricos e culturais. Este processo, conforme a visão de Souza (2015), apresenta como um de seus desdobramentos a atribuição do não aprender das crianças, aos elementos intrapsíquicos ou orgânicos, dado que se localiza nelas as supostas causas internas dos problemas de aprendizagem e/ou comportamento.

Diante disso, o presente trabalho teve como objetivo investigar a potencialidade do procedimento metodológico intitulado *narrativa encorajadora* (ANDRADE, 2017) as pesquisas *com* crianças, com vistas a contribuir com a construção de relações sociais que reconheçam e qualifiquem a participação social dessa população nos diferentes espaços de socialização no quais se inserem. Tendo em vista essa proposição, assume-se as crianças como atore/atrizes sociais competentes, portadores(as) de direitos que, ao construírem seu mundo, concomitantemente, constroem a si mesmo/a. (JENKS, 2005; CORSARO, 2005, 2011; SARMENTO, 2007).

Para tanto, expõe um recorte das informações geradas na investigação de mestrado que buscou analisar as significações de crianças sobre a queixa escolar e suas implicações na representação de si, segundo crianças vinculadas a uma escola municipal da rede municipal de ensino, situada na cidade de Cuiabá-MT (SANTOS, 2018). O aporte teórico adotado consistiu nas aproximações entre a teoria histórico-cultural (VIGOTSKI, 2000; 2009a, 2009b; 2010) e os fundamentos teóricos sobre narrativas (BRUNER, 1997, 2001, 2014; JOVCHELOVIT7CH; BAUER, 2002; JOVCHELOVITCH; HERNÁNDEZ; GLĂVEANU, 2017; BROCKMEIER; HARRÉ, 2003), que apreende essa modalidade discursiva como potencializadora da aprendizagem e do desenvolvimento humano, ao se caracterizar em uma forma elementar de comunicação, presente em todos os grupos sociais, que se revela nas mais diversas formas da existência humana. Por esta perspectiva, pode-se se mencionar que o ato narrativo não se restringe a uma categoria geracional particular, dado que ele está no bojo de qualquer expressão humana que é constitutiva do sujeito.

Os pressupostos metodológicos conduziram o plano de geração de informações inspiraram-se em estudos do tipo etnográfico (ANDRÉ, 2003; EZPELETA; ROCKWELL, 1986), mediante o procedimento de observação participante das significações compartilhadas no cotidiano escolar, associado as entrevistas semiestruturadas delineadas pelo emprego de um roteiro lúdico adequado às especificidades dos estudos com crianças (CORSARO, 2005, 2011; FERREIRA, 2008; GRAUE; WALSH, 2003; JENKS, 2005; FERREIRA; SARMENTO, 2008).

**NARRATIVAS DE CRIANÇAS: DIÁLOGOS TEÓRICOS POSSÍVEIS**

Ao buscar contribuir com o reconhecimento da criança como sujeito capaz de narrar as suas próprias vivências a partir de diversas formas de linguagens, será ilustrado aos/as leitores/as aproximações entre os estudos teóricos sobre narrativas (BRUNER, 1997, 2001, 2014; BROCKMEIER, HARRÉ, 2003; JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002; JOVCHELOVITCH, HERNÁNDEZ; GLĂVEANU, 2017), e o aporte teórico da abordagem histórico-cultural (VIGOTSKI, 2009; MOLON, 1999; 2000) que a permitem ampliar a apreensão dos determinantes sociais, políticos, históricos e culturais que constituem a complexidade do fenômeno investigado. A escolha por esta interlocução teórica ancora-se na finalidade de explorar o potencial da narratividade como uma estratégia metodológica mediadora da aprendizagem e do desenvolvimento humano, que pode ser considerada fecunda aos estudos das crianças que se mobilizam em torno dos esforços de desnaturalizar os saberes e práticas circunscritos nos processos de invisibilidade social, científica e cívica endereçados a esta população.

Jovchelovitch e Bauer (2002) ao citarem Roland Barthes, postulam que toda ação humana pode ser expressa por meio da narratividade, que é infinita em sua variedade e se caracteriza de forma universal. Por outros termos,

[...] a narrativa está presente em cada idade, em cada lugar, em cada sociedade; ela começa com a própria história da humanidade e nunca existiu, em nenhum lugar e em tempo nenhum, um povo sem narrativa. Não se importando com a boa ou má literatura, a narrativa é internacional, trans-histórica, transcultural: ela está simplesmente ali, como a própria vida. (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002, p.91).

Ao se fundar no preceito de que a narrativa se configura em uma forma elementar de comunicação humana, presente em todos os grupos sociais, revelada nas mais diversas formas e idade, torna-se possível sublinhar que o ato narrativo não se limita a uma categoria geracional particular, dado que ele está no bojo de qualquer relato da experiência vivida. Esta perspectiva favorece a apreensão das crianças como seres autorais que apresentam condições de elaborarem processos comunicacionais e, por meio destes, estas podem não apenas partilharem significações na relação com o outro criança e(ou) adultos, como também possuem a potencialidade e reelaborar sentidos sobre si mesmas e atuarem na produção da cultura na qual estão inseridas.

Sob esta via de pensamento, é oportuno destacar que a narratividade não pode ser focalizada de maneira ingênua, traduzida em uma forma harmônica e idealizada de interpretação da realidade social. Esta modalidade discursiva, por sua vez, ao emergir da potencialidade em incidir rupturas sob o horizonte canônico forjado pelanormatividade social, possui em seu bojo projetos representacionais que são negociados e partilhados pelos sujeitos e grupos de pertença, os quais podem vir a agenciar relações permeadas predominantemente por princípios emancipatórios, mas por outra via, por meio destes, também se compartilha tendências dominantes. (BROCKMEIER; HARRÉ, 2003; JOVCHELOVITCH, HERNÁNDEZ; GLĂVEANU, 2017).

Com base nas reflexões explicitadas empreendidas sobre os estudos de narrativa, pode-se dizer que há aspectos que se aproximam de fundamentos do pensamento vigotskiano, no qual o ser humano é enxergado como atuante na cultura, dado que este se constitui pela apropriação e compartilhamento de condutas e comportamentos sociais elaborados, estabelecidos e conservados historicamente e, dialeticamente, apresenta a capacidade de criar, podendo ser apreendido também como partícipe e produtor de cultura. No que concerne a este preceito, pode-se salientar em linhas gerais que a formação social da consciência e a atuação da dimensão simbólica (signos, significados e sentidos) ocorrem neste movimento de reciprocidade, no processo de apropriação cultural, por meio das dimensões indissociáveis do desenvolvimento humano: a reprodução e a criação. (VIGOTSKI, 2009, MOLON, 1999; 2000)

Diante disso, ao enfocar a complexidade das vivências educacionais tomando em consideração os fundamentos teóricos elucidados, busca-se corroborar com os esforços mobilizados em torno do fortalecimento da representação das crianças como sujeitos coautores do processo de investigação que apresentam condições de elaborar processos comunicacionais a partir de suas especificidades e, por intermédio destes, podem não somente partilhar significados na relação com o outro, mas também, são capazes de reelaborar sentidos sobre si próprias e atuarem na produção da cultura a qual pertencem.

**MÉTODO**

O trabalho em questão foi realizado em uma Escola Municipal de Educação Básica (EMEB), localizada no município de Cuiabá-MT, ao longo de três meses. Os cenários escolhidos para o desenvolvimento desta investigação referem-se aos espaços de socialização explorados por duas turmas escolares (X e Y), constituídas, concomitantemente, por vinte e um e vinte e cinco alunos/as, ambas do primeiro ano do ensino fundamental, as quais pertenciam dois aprendizes anunciados sob a condição da queixa de indisciplina escolar em suas vivências educacionais.

Os caminhos percorridos fundaram-se nos contornos do estudo do tipo etnográfico (ANDRÉ, 2003; EZPELETA; ROCKWELL, 1986), ao priorizar-se a observação participante da cena escolar *lócus* de investigação, combinada com a promoção de entrevistas semiestruturadas com os/as participantes. Este último procedimento aludido, foi sistematizado mediante o emprego de um *roteiro lúdico*, sistematizado pela adoção da técnica de *narrativa encorajadora* (ANDRADE, 2017), que demonstra a potencialidade de incitar os sujeitos produzirem novos enredos ou desenrolarem a construção de uma narrativa mediante a apresentação de uma narrativa semiacabada*,* elaborada a partir de aspectos comuns e familiares as experiências vivenciadas pelos/as crianças.

A estratégia investigativa mostrada às crianças como mediadora das vivências infantis na esfera educacional, foi inspirada em elementos constituintes da cena de ficção infantil intitulada como “*O príncipe que virou Sapo*”. Esse procedimento metodológico possui aspectos que permitem a inversão do papel clássico do personagem protagonista dessa trama, ao oferecer às crianças a abertura ao exercício de distintas hipóteses interpretativas no processo de relação com significações familiares do repertório dessa população, propiciando a transmutação de uma lógica unívoca de apropriação das significações, para tornar-se possível a inteligibilidade do novo, não familiar e inesperado.

Em conformidade com essa perspectiva, a *narrativa encorajadora* (Andrade, 2017) empregada na presente pesquisa se constituiu no enredo semiestruturado, apresentado a seguir: “*Era uma vez o príncipe que virou sapo, ele era um príncipe pequeno da sua idade, e a gente não sabe o porquê dele ter virado sapo e como foi a vida dele depois que ele virou sapo.* *Como você inventaria a continuação dessa história*?” (Notas de campo dos dias 15 de dezembro, 2016)*.* As informações produzidas foram transcritas e analisadas compreensivamente por meio do delineamento de episódios interpretativos

**DISCUSSÃO**

As análises empreendidas indicam que as significações apropriadas pelas crianças nas relações intersubjetivas estabelecidas na cena escolar, estão ancorados por diferentes paradigmas de educação historicamente construídos e determinados, que coexistem e se expressam na objetivação de práticas dirigidas aos/as alunos/as identificados com as queixas escolares. Estas significações, por sua vez, compartilhadas nas relações sociais forjadas no processo de escolarização, se caracterizam como aspectos constitutivos da subjetividade humana.

Por essa via, observou-se a predominância da adesão aos discursos dominantes centrados na perspectiva tradicional do processo de ensino-aprendizagem, enraizados em preceitos adaptacionista, disciplinar, normativos e homogeneizantes que focalizam o/a aluno/a como ser passivo e de impossibilidades. Por outro lado, se percebe, ainda em um nível de menor negociação e compartilhamento, a emergência de redes de significações fundadas sob o princípio emancipatório, que tensionam a transmutação da ótica referida, ao destacar a participação social da criança no desenrolar dos vários caminhos possíveis que se delineiam a aprendizagem humana, tecida nos encontros dialógico com o Outro criança e/ou adulto.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As significações apropriadas pelas crianças oferecem indicativos de que a *narrativa encorajadora* (ANDRADE, 2017), se revelou como uma modalidade discursiva que favoreceu apreender elementos das vivências escolares em sua concreticidade, à medida que permitiu elas expressarem conteúdos simbólicos que em circunstâncias comuns de interlocução dificilmente seriam narrados em decorrência de seu caráter contra-normativo, ao oportunizar que as vozes infantis, comumente silenciadas por concepções dominantes que as consideram como receptoras passivas das ações adultocêntricas, sejam inteligíveis sobre seus próprios enfoques.

**REFERÊNCIAS**

ANDRÉ, M. E. D. A. de. **Etnografia da prática escolar**. Série Prática Pedagógica. 9ª Ed. Campinas, SP: Papirus, 2003.

CORSARO, W. A. **Entrada em campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas**. Educ. Soc., Campinas, v. 26, n. 91, p.443-464, mai./ago. 2005. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/es/v26n91/a08v2691>>. Acesso em: 25 jun. 2019.

\_\_\_\_\_\_. **Sociologia da Infância**. Trad. de Lia Gabriele R. Reis. Porto Alegre: Artmed, 2011.

EZPELETA, J.; ROCKWELL, E. **Pesquisa Participante.** (Traduzido por Francisco Salatiel de Alencar Barbosa). São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986.

MOLON, S. I. **Subjetividade e constituição do sujeito em Vygotsky.** São Paulo: EDUC, 1999.

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W. Entrevista narrativa. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Org.) **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Tradução de Pedrinho Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, [p. 90-113].

JOVCHELOVITCH, S; J. P. HERNÁNDEZ; GLĂVEANU, V. P. Imagination in children entering culture. In: To appear in Zittoun, T. and Glaveanu. **e Handbook of Imagination and Culture**, New York, NY: Oxford University Press, 2017. [p. 1-23].

JENKS, C. Investigação *Zeitgeist* na infância. In: CHRISTENSEN, P.; JAMES, A. (Orgs.). **Investigação com Crianças: perspectivas e práticas**. Porto, ESEPF, 2005. [p.55-71].

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise.** Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

 \_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. **A psicanálise, sua imagem e seu público**. Tradução Sônia Fuhrmann. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. **Representações sociais:** investigações em psicologia social. Tradução Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

SARMENTO, M. J. Visibilidade Social e Estudo da Infância. In: VASCONCELLOS, V. M. R.; SARMENTO, M. J. (Orgs.). **Infância (in)visível**. Araraquara, SP: Junqueira & Marin, 2007. [p. 25-49].

SANTOS, R. C. **Crianças anunciadas com queixa escolar: estudo sobre significações e implicações na representação de si.** Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Mato Grosso *campus* Cuiabá, 2018.

SOUZA, B. P. Apresentando a Orientação à Queixa Escolar. In: SOUZA, B. P. (Org.). **Orientação à queixa escolar**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2015. [p.97-118].

VIGOTSKI, L. S. Manuscrito de 1929. **Educação & Sociedade**, Tradução de A. A. Puzirei, Campinas, ano XXI, n. 71, p. 21-44, jul. 2000.

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criação na infância:** ensaio psicológico: livro para professores**.** Apresentação e comentários de Ana Luiza Smolka. Tradução de Zoia Ribeiro Prestes. São Paulo: Ática, 2009a.

\_\_\_\_\_\_. **A crise dos sete anos**. Tradução instrumental para fins didáticos, por Achilles Delari Junior. Produção voluntária independente: Umuarama, 2009b. Disponível em: <http://www.vigotski.net/criseset.pdf>. Acesso em: 25 de jun. 2019.

\_\_\_\_\_\_. Quarta aula: a questão do meio na pedologia. Tradução de Márcia Pileggi Vinha. Psicologia USP, São Paulo, v. 21, n. 4, p. 681-701, out./dez. 2010.